

PayTV Fórum: Pirataria pode chegar a 30 milhões no Brasil

Foto: ABTA

Evento mostra que a TV por assinatura passa por um período de adaptação, e que os serviços OTT avançam, mas deixa claro que o principal problema do ecossistema é a proliferação da pirataria que chegaria a 30 milhões de usuário no país

Por Fernando Moura em São Paulo

Nos dois dias de painéis e debates da edição 2021 do PayTV Fórum empresas nacionais e internacionais analisaram o mercado de TV paga no país, as inovações tecnológicas e os principais desafios da cadeia audiovisual. O resultado do evento é dicotômico, por um lado existe otimismo pelo aumento da audiência e a relevância que a TV continua a ter para os brasileiros, mas pelo outro lado a pirataria coloca a cadeia audiovisual como um todo em um beco complexo, porque se bem tem sido adotadas medidas de prevenção e combate as ações deste tipo, o número de acessos de forma pirata não para de aumentar e hoje, já se consegue ver nas estatísticas que para cada um usuário de serviço de TV paga ou OTT, há pelo menos um que usufrui de forma irregular utilizando algum tipo de pirataria.

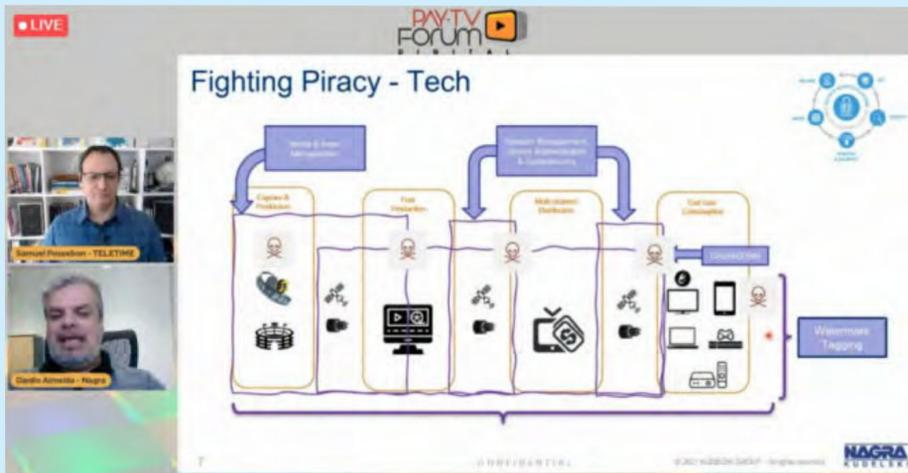
Assim, ao ver da reportagem da Revista da SET, o PayTV Fórum 2021 fechou deixando uma radiografia clara da cadeia audiovisual paga no país, na qual fica claro que esta deve se reorganizar, mudar comportamentos e ficar mais atenta ao comportamento do usuário, um público cada vez mais migratório e que por aspectos socioculturais e econômicos muitas vezes recorre a pirataria para assistir os seus conteúdos favoritos.

Nesse contexto, diversos setores da indústria reunidos no evento 100% online liderado por Samuel Possebom (Teletime) pode-se observar que os players brasileiros e internacionais, já sejam de operadoras de TV por Assinatura ou de plataformas

Over-the-Top (OTTs) coincidem que sem uma política regulatória e clara que acorde com as mudanças tecnológicas pelas quais a cadeia audiovisual passou, será impossível, por fim ao avanço desenfreado da pirataria, que já não é apenas um problema das operadoras, senão também das plataformas de *streaming* e IPTV, que ameaça o ecossistema como um todo.

No painel, “O combate à pirataria pela tecnologia”, o diretor de engenharia de software e novos negócios da NAGRA Media Brasil, Danilo Almeida, disse que o problema não é apenas brasileiro, mas que no país a situação é crítica. Almeida afirmou que a pirataria deve ser combatida desde três lugares, inteligência e desenvolvimento tecnológico, com um melhoramento da parte jurídica e mitigando “a máquina de vendas da pirataria que, agora, tem no Brasil uma máquina de revenda, com um esquema de pirâmide” que não afeta apenas aos operadores tradicionais, “o modelo que funciona com *broadcast* e *streamings*, com duas modalidades de pirataria SKS (via satélite) e IKS (*streaming*) com modelo via TV BOX e via IKS de subscrição”.

No *streaming*, explicou, aumentaram os devices, e com eles as novas modalidades de pirataria com o TV Box, o App pirata, o *digital broker*, mídia players, monetizado por venda de TV Box, subscrição e a nova modalidade é “o que as pessoas acham que gratuito que se paga assistindo publicidade, ou seja, se monetiza por TV BOX, subscrição e publicidade”.



Danilo Almeida (Nagra) explicou os diferentes tipos de pirataria/Foto: Reprodução

Almeida disse que “quanto mais rouba, a mais fontes o pirata tem acesso. Temos formas de avaliar e explorar vulnerabilidades desde o começo ao fim com ferramentas de mídia e Asset management (DAM - *Digital Asset Management* é uma categoria de software que consiste basicamente em centralizar, padronizar e distribuir arquivos digitais para que todos os envolvidos nos processos possam consumir esses sempre atualizados e centralizados). No resto da cadeia temos sistemas de criptografia, sistemas de acesso condicional, DRM que garantem a encriptação, mas mesmo assim alguns hackers conseguem explorar a vulnerabilidade dos canais de distribuição. Para isso usamos as ferramentas de Cibersecurity, mas para achar o pirata no fim, precisamos dotar o ecossistema de ferramentas de TAG e marca d’água que permitam rastrear de onde foi pirateado e assim bloquear com uma ação rápida o assinante ao conteúdo”.

No painel “Pirataria: a pandemia sem fim”, Marcelo Bechara, diretor de Relações Institucionais e Regulação do Grupo Globo e Vice-Presidente Jurídico da ABTA; Fernando

Magalhães, diretor de Programação e Conteúdo da Claro; e Jonas Antunes, diretor Jurídico-regulatório da Associação Brasileira de Televisão por Assinatura (ABTA), coincidiram que a pirataria é o maior problema do ecossistema audiovisual brasileiro.

Bechara disse que os *Internet Server Providers* (ISPs) brasileiro estão pedindo a ABTA por bloqueio dos sites e serviços de IPTV piratas, já que as estimativas deles são de que “70 ou 80% do tráfego dos seus clientes é pirata”.

Do lado das operadoras de TV por assinatura, Fernando Magalhães, diretor de Programação e Conteúdo da Claro, disse que “a pirataria é o nosso maior concorrente”, porque é um problema do ecossistema audiovisual brasileiro que junto ao poder público precisa “montar uma máquina para piorar a experiência do pirata”, que permita o bloqueio regular e frequente das transmissões ilegais. “Precisamos conseguir implementar um processo rápido e diminuir a experiência desses 30 milhões de usuários piratas” porque, segundo Magalhães, “Hoje, talvez tenhamos mais assinantes de TV pirata que de TV tradicional. Um assinante que vê um jogo de futebol não pagando faz que seja muito difícil competir, porque o pirata não paga impostos, não ajuda aos clubes nem a liga”.

Pela sua parte, Jonas Antunes disse no painel que o trabalho da ABTA tem sido sistemático, mas ele deve ser acompanhado pelas agências reguladoras e o poder público para assim começar a “restringir os acessos ilegais senão não voltaremos a crescer no país. Nós queremos respeitar o Marco Civil da Internet, mas nossa estratégia e nosso desafio é mostrar que o que estamos idealizando não vai infringir o marco civil”, apenas queremos “bloquear as plataformas ilegais, que roubam dados, que violam direitos autorais”.



Painel “Pirataria: a pandemia sem fim”, debateu como a pirataria segue sendo o grande desafio do mercado de TV por assinatura, com impactos em detentores de propriedade, programadores e na cadeia de distribuição/Foto: Reprodução